

# Ciência da religião

Sélcio de Souza Silva<sup>1</sup>

Universidade Católica de Goiás

GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é ciência da religião?* Trad. Frank Usarski. São Paulo: Ed. Paulinas, 2005.

O autor define o papel e o objeto de estudo da “ciência da religião”, ao utilizar, didaticamente, uma metodologia científica da religião e uma linguagem simplificada. Sua intenção é levar os iniciantes da ciência da religião a uma reflexão mais abstrata e, para isso, parte de uma abordagem indutiva. Torna, assim, mais fácil e agradável a leitura da obra.

Sua intenção supera as expectativas, pois vai além da simples explicação de como se processam os estudos metodológicos no campo da ciência da religião e orienta à prática científica, a pôr a “mão na massa”, ou seja, trilhar os verdadeiros passos para a realização da pesquisa, identificar seu objeto e a forma de abordá-lo.

Hans-Jürgen Greschat é, atualmente, professor emérito de História da Religião na Universidade de Marburgo, na Alemanha. Sua obra *Was ist religionswissenschaft?*, escrita em 1988, fruto de 25 anos de pesquisa, resulta de alguns questionamentos de estudantes acerca dos objetivos e do objeto da ciência da religião. É por isso que ela nasceu como um estímulo ao labor científico.

Trata-se, portanto, de um livro introdutório da coleção Repensando a religião, da Editora Paulinas, que vai além da simples expectativa da explicação de como desenvolver pesquisas no campo da ciência da religião. Ele convoca a refletir a discussão que perpassa também pela convergência (compreensão e interpretação do mundo) entre a ciência e a religião que, muitas vezes, têm sido vistas como campos opostos de conhecimento. A obra está dividida em cinco capítulos: a apresentação de o que é ciência e o objeto da religião; como desenvolver ou produzir, passo a passo, conhecimentos; a história da religião; a teoria da ciência sistemática da religião; até a definição de personalização da ciência da religião e sua distinção da teologia.

---

\* Books

<sup>1</sup> Endereço para correspondências: Avenida T-4, Edifício Gênova, 800, ap. 1901, Setor Bueno,

O livro pode ser tanto usado por alunos iniciantes ou por profissionais da área, uma vez que ele abre a discussão para o que, de imediato, se evidencia: algumas diferenciações e contradições entre o que se entende por pesquisa científica e como elas se processam no campo da religião na Alemanha e, de fato, no Brasil.

Em algumas obras brasileiras, a exemplo de autores, tais como Faustino Teixeira (2001), o termo ciência vem pluralizado. Nesse sentido, percebe-se distância de entendimento entre italianos, brasileiros e alemães no tocante à(s) ciência(s) da religião.

Nesse assunto, Brandt (2006), em seu artigo *As ciências da religião numa perspectiva oposta da fenomenologia da religião no Brasil e na Alemanha*, apresenta as discussões mais atuais de como é vista a fenomenologia da religião pela(s) ciência(s) da religião.

De antemão, o título *O que é ciência da religião* já é provocativo. Ao singularizar o termo ciências, já habitual para nossos cientistas da religião, o autor dá a entender que há, notadamente, “possíveis” diferenciações quanto a sua aplicabilidade, abrangência e delimitações. Nota-se que a singularização do termo, diferentemente de seu uso corrente em nosso país, não deve ser, portanto, falha de tradução ou edição original, como se percebe em algumas orações com expressões adverbiais antecipadas e outras sem as devidas pontuações que, a nosso ver, passaram por “vistas grossas”.

O livro é esclarecedor e vai além de uma simples introdução à temática proposta. Aliás, ele torna-se instrutor e provocador, principalmente, porque faz refletir sobre as situações atuais de como se praticam os estudos da(s) ciência(s) da religião. Por exemplo, quando o autor compara, define e distingue as atividades dos especialistas em teologia e seu campo de estudo, quer, na verdade, mostrar que deve haver “certa” neutralidade entre a religião pesquisada e o cientista pesquisador. Metodologicamente, as religiões pesquisadas são vistas como “sistemas” de sentido formalmente idênticos. Isso quer dizer que não se deve questionar a “verdade” ou a “qualidade” de uma religião.

Greschat (2005) alerta sobre os perigos hermenêuticos dos estudos empíricos, pelo fato de, quando um teólogo da ciência da religião, ao analisar sua crença ou a crença alheia, correr o risco de estar comprometido confessional e institucionalmente com sua profissão de fé. Essa discussão epistemológica pretende, dessa forma, ser uma contribuição às experiências e às práticas das

pesquisas desenvolvidas no Brasil, até porque, em nosso caso, os departamentos de Teologia e de Ciências da Religião estiveram sempre juntos e muitos cientistas da religião descenderam da teologia. Nossa realidade talvez não coincida com a realidade da Alemanha, pois esta, tradicionalmente, focou-se nas filologias e nas religiões orientais, enquanto, no Brasil, a(s) ciência(s) da religião ainda é uma realidade nova.

A ênfase do pensamento de Greschat (2005) evidencia-se, quando diz que o cientista de religião, ao estudar seu objeto de pesquisa, deve não apenas partir das implicações epistemológicas, mas, sobretudo, da observação e análise do campo de pesquisa, uma vez que o sagrado, em qualquer religião, está aberto à experiência. Resumidamente, é, a partir da experiência *in loco*, segundo o autor, que se torna possível uma personalização da ciência da religião. Para Greschat (2005), a personalização trata de um novo paradigma, pois

*[...] ela nos obriga a levar a sério também os fiéis de outras religiões e não somente usá-los como instrumentos ou estudá-los de um ponto de vista distante, como o de biólogos que observam um grupo de chimpanzés. Nossas conclusões sobre determinada religiosidade alheia estão corretas? (GRESCHAT, 2005, p. 160).*

Segundo o autor, não há ninguém melhor do que os próprios fiéis para avaliar isso.

Em sendo assim, em vez de privilegiar os textos religiosos como principais referências bibliográficas, o autor convida a cultivar nossa sensibilidade, como teóricos da religião, para “uma compreensão mais autêntica possível do olhar do fiel da religião em questão” (Idem, p. 10). A proposta de Greschat é um tanto desafiadora, pois convida também o pesquisador, em sua análise empírica, até mesmo a “vivenciar”, de forma empática, “a religião alheia”. Aqui está, pois, o mérito do autor.

A fim de exemplificar seu método, Greschat cita Rudolf Otto, sua obra *O sagrado* e sua receptividade, como pesquisador, às impressões da vida religiosa alheia. Para Greschat (2005), torna-se preciso sair de seu âmbito costumeiro – tendencioso a observar de longe –, para ser capaz de “ver, ouvir, cheirar, tocar e saborear [...] a totalidade de uma religião alheia” (p. 91).

Além do autor supracitado, em sua obra, encontramos Max Muller, considerado o pai da ciência da religião, que iniciou seus estudos filológicos com base em textos sagrados. Carl Rogers, psicólogo norte-americano, também é citado, quando Greschat sugere a produção, e não a reprodução do material das obras clássicas. Seguindo a abordagem criativa de Carl Rogers e sua aplicabilidade, Greschat anuncia que uma “futura Ciência da Religião não deverá padecer da falta de pesquisadores criativos” (2005, p. 163-64).

Essa experiência comentada por Greschat não pode, portanto, confundir-se com as observações e análises teológicas, mesmo porque, para o autor, há, entre a teologia e a ciência da religião, evidências de incompatibilidade, uma vez que a última tem, *per si*, independência e autonomia disciplinar.

No intuito de estimular a “prática” científica, o autor procura mostrar, a partir das explicações de sua própria experiência acadêmica, como se pratica a ciência da religião. Entretanto, deixa transparecer que, no tocante às práticas, a fenomenologia da religião é encarada com certo ceticismo, por conta de sua abordagem clássica e das influências sofridas por parte do conceito de *sagrado*.

Por conta dessa concepção, esse *talvez* seja um dos motivos do interesse de Usarski pela tradução da obra de Greschat por e torná-lo conhecido do público brasileiro. Segundo Usarski (*apud* GRESCHAT, 2005, p. 7), a leitura de *O que é ciência da religião* confirmou sua abordagem “relativista” (tese de doutorado), antes rejeitada na Alemanha pelos representantes da Igreja Luterana. Talvez seja por isso que o terceiro volume da coleção *Religião e Cultura* tenha sido de sua autoria, cuja proposta é dizer como deveriam ser os *Constituintes da ciência da religião* (título da obra) como disciplina autônoma.

O leitor, ao fazer uso dessa obra, observará que, para Greschat (2005), os cientistas da religião não podem perder de vista a totalidade da religião pesquisada, embora não estejam preocupados com atestar sua verdade ou falsidade. “A curiosidade de um cientista da religião para a solução de um problema intelectual deveria ocupá-lo mais ardentemente do que qualquer interesse cotidiano em alguma coisa, uma vez que seu fervor científico tem de perdurar semanas ou, até mesmo, meses” (GRESCHAT, 2005, p. 34).

Os cientistas da religião devem, pois, ser capazes de trazer à luz aspectos de uma religião alheia ao conversar com o crente que melhor poderá responder à questão de como algo religioso funciona, e não meramente explicar o fenômeno da religião. Todavia, eles devem partir, exclusivamente,

do fenômeno religioso, e examiná-lo, não do ponto de vista da fé, mas da ciência. Em outras palavras, examinam não a verdade do discurso, mas a validade científica do argumento do pesquisador. Dessa forma, há uma ponte, talvez estreita, entre os labores dos especialistas em religião (científica da religião), cuja tarefa é a descrição e análise do fenômeno religioso. Cabe, pois, aos especialistas religiosos (teólogos) não só a análise, mas, sobretudo, a interpretação e a veracidade do fenômeno. Os filósofos baseiam-se, por sua vez, em estruturas racionais e tendem “a ignorar os elementos específicos das experiências religiosas” (OTTO, 1985, p. 10).

Enfim, convidamos o leitor a enveredar pelo caminho da ciência da religião, por onde toda a reflexão centra-se no papel do cientista da religião e em sua maneira de lidar com seu objeto de estudo. Esses são os direcionamentos de Greschat (2005). Quem assim o fizer perceberá que há uma enorme ponte entre os labores dos especialistas em religião (cientistas da religião, cuja tarefa é descrever o fenômeno religioso) e os especialistas religiosos (teólogos, cuja tarefa é a análise, interpretação e veracidade do fenômeno), e, certamente, deixará de cometer alguns equívocos ao lidar com essa disciplina e seu campo de estudo.

### Referências bibliográficas

BRANDT, H. *As ciências da religião numa perspectiva intercultural*. A percepção oposta da fenomenologia da religião no Brasil e na Alemanha. Disponível em: <<http://www.est.com.br>>. Acesso em: 17 jun. 2007.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é ciência da religião?* São Paulo: Paulinas, 2005.

TEIXEIRA, F. (Org.). *A(s) ciências(s) da religião no Brasil*: afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Ed. Paulinas, 2001.

USARSKI, F. *Constituintes da religião*. Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.